

Entre o passado e o presente: a história e as contribuições da Ordem dos Cavaleiros Templários

Arthur de Queiroz Ferreira¹
Fernando Santos da Silva²
Magda Dorotea Zimmer Huf³

Resumo: O artigo apresenta um resumo (com comentários) da história da Ordem Templária e de sua “continuação” em Portugal: a Ordem de Cristo.

Palavras-Chave: Cavaleiros Templários; Igreja Católica; Ordem de Cristo.

Abstract: This article presents an overview (with comments) of the history of the Knights of the Temple and its continuation: The Order of Christ in Portugal.

Keywords: Knights Templar; Catholic Church; Order of Christ.

Introdução

A Ordem dos Templários foi uma ordem militar da Igreja Católica concebida em 1118 em Jerusalém. Foi fundada por nove soldados de cavalaria franceses e seu objetivo principal era garantir a segurança dos peregrinos cristãos que rumavam à Terra Santa. Os templários desenvolveram-se com uma velocidade surpreendente, tanto numericamente quanto em domínio político, somando terras e juros de empréstimos concedidos a reis e nobres, sendo pioneiros no que seria um embrião do sistema bancário como conhecemos hoje. Tanto poder e riqueza lhes renderam rivalidades e temores, sentimentos que no século XIV se concretizaram sob a forma de um “complô” tramado entre o rei francês Filipe IV e o Papa Clemente V. Os dois se uniram e teceram um plano contra os templários. Vale ressaltar que a Ordem Templária foi a organização que mais promovia caridade à plebe dos reinos. Possuidores de vastas extensões de terras, eles plantavam o suficiente para si e o excedente era doado aos aldeãos, já que um de seus juramentos monásticos era o voto de pobreza, ou seja, não podiam manter riquezas individuais.

Após sua dissolução em 1312 os cavaleiros restantes da ordem se refugiaram em Portugal, os quais, sob o comando de D. Dinis, conseguiram fundar a então Ordem de Cristo em 1319. Foram responsáveis pelas grandes navegações portuguesas, inclusive a que atracou no Brasil em 1500. Sua cruz oficial (cruz vermelha com o centro em branco) podia ser vista nas caravelas que chegaram à terra de Santa Cruz, estando presente, atualmente, na bandeira da cidade de São Paulo, assim como nas de muitas outras cidades brasileiras e portuguesas. A Ordem de Cristo existe até hoje como ordem honorífica. Devido aos seus grandes feitos e possíveis legados, justificase a importância de tratarmos deste tema, pois graças ao senso comum e ao pré-julgamento social quanto à Igreja Católica e suas ordens, muitas informações acabam perdidas e desconstruídas, sendo então, a causa de um enorme preconceito e desconhecimento existentes contra a ordem. Além dessas razões que já justificariam o projeto, conta-se também o grande interesse pessoal do autor em relação à Ordem dos Templários, que guarda segredos em seu passado que se perpetuam até os dias atuais.

¹ Aluno do 3º ano do Ensino médio no Colégio Luterano São Paulo.

² Professor de História e Filosofia do Colégio Luterano São Paulo, orientador.

³ Professora coordenadora de TCCs do Colégio Luterano São Paulo.

A Ordem na época das Cruzadas

No final do séc. XI, mais precisamente no ano de 1095, o Papa Urbano II, respondendo a apelos do Imperador Bizantino Aleixo I Comneno, convoca a primeira cruzada com o objetivo de retomar a Terra Santa e Jerusalém das mãos de califados e sultanatos mulçumanos, no Concílio de Clermont. O concílio foi a primeira declaração pública do Papa Urbano II sobre as tensões vividas na Terra Santa. Ocorreu em 27 de novembro de 1095, na cidade de Clermont, França. Neste concílio, o Papa prometia aos que peregrinassem à Jerusalém a indulgência plena, e isso gerou uma enorme efervescência entre os católicos que de imediato se prontificaram para a peregrinação.

A proclamação da primeira cruzada capturou o imaginário da Europa ocidental, especialmente na França. Os pregadores nômades espalharam a novidade e nada menos que cinco grandes exércitos seriam enviados ao oriente. Calcula-se que algo entre 30.000 e 70.000 combatentes tenham participado, em conjunto com aproximadamente 30.000 não combatentes, representando um desafio logístico sem precedentes desde a era romana (JESTICE, 2012).

A visita papal à França mantinha seu foco na regularização da igreja que vinha sendo dominada pelos “abusos clericais”, além disso, também se dedicaria à excomunhão do Rei Felipe I, que havia abandonado sua então esposa Berta de Holanda para casar-se com Bertranda de Monforte, a esposa de Fulque IV, Conde de Anjou (CHAVES, 2015). Portanto, para Roma, a Cruzada seria uma medida muito importante de apoio à Cristandade no oriente, e uma bela maneira de mediar os conflitos dos Reis no ocidente, juntando exércitos de soldados e aldeões dos mais difusos reinados em nome de um ideal, e uma salvação: Cristo. Com gigantescos exércitos em marcha para a Terra Santa, não levou muito tempo para que Jerusalém fosse reconquistada, o que ocorreu em julho de 1099. Sendo então criado o Reino Latino de Jerusalém e outros estados cruzados como o Condado de Edessa, o Principado da Antioquia e o Condado de Trípoli.

Com toda a euforia europeia em relação à conquista de Jerusalém, em 1118 o cavaleiro cruzado Hugo de Payens funda uma ordem, juntamente com mais 8 cruzados franceses de cavalaria. Um deles, André de Montbard, era tio de São Bernardo de Claraval e do rei de Jerusalém Balduíno II, que por sua vez os acolheu em uma das esplanadas do monte onde se situava seu palácio e as antigas ruínas do templo de Salomão⁴ (PERNOUD, 1974). E assim era criada a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, mais conhecidos apenas como Templários. Tinham como seu objetivo inicial proteger as caravanas dos peregrinos que se dirigiam da Europa à Terra Santa, mais especificamente do porto de Acre⁵ a Jerusalém. Tais peregrinos eram vítimas de saqueadores e ladrões durante todo esse percurso, e, já na Terra Santa, das investidas providas de forças árabes contra os reinados cristãos, a muito custo erguidos após a primeira cruzada.

A criação da ordem dos cavaleiros templários foi a combinação da evolução da teoria cristã de “guerra santa”, a reforma Gregoriana, o movimento para a paz na Europa e um crescente medo dos inimigos externos da cristandade (WHEET, 2009, pag. 3).

⁴ Atualmente mesquita de Al-Aqsa.

⁵ Situado em Israel, o porto de Acre é hoje considerado patrimônio mundial pela UNESCO.

Ao final de 1127, Hugo de Payens e cinco cavaleiros se dirigem a Roma visando a solicitar o reconhecimento da Ordem junto ao papa Honório II. Nessa visita, conseguem não apenas o reconhecimento oficial, como o apoio irrestrito e influência de Bernardo de Claraval, no Concílio de Troyes em 13 de janeiro de 1128 (PERNOUD, 1974). Em tal concílio, no qual estavam presentes 6 cavaleiros Templários, incluindo Hugo de Payens, a recém-criada ordem foi aprovada e formalizada com a criação da sua regra prima que somava 72 artigos⁶.

Em 29 de março de 1139, o então Papa Inocêncio II emitiu a bula papal *Omne Datum Optimum*, que reconhecia oficialmente a ordem templária pelo papado. A partir daí a ordem recebe privilégios e isenções, dentre estes o direito provido a seu mestre do templo de se comunicar diretamente com o Papa e de construir suas próprias capelas e oratórios juntamente com a honraria de serem enterrados nelas próprias. Os Templários viviam uma grande dicotomia entre a vida monástica que juravam seguir, fazendo votos de castidade e pobreza, e os ideais militares das tropas de cavalaria da Idade Média que, os faziam jurar lealdade total ao Grão-mestre⁷ em sua iniciação, que ocorria em uma cerimônia religiosa realizada pelos próprios padres templários.

Segundo Moretti Junior (2013), São Bernardo de Claraval foi um personagem de grande importância na história das Cruzadas. Esse teólogo medieval fazia uma reflexão sobre o conceito de “guerra justa”. Para ele, a guerra seria a última opção e deveria ser sempre evitada. Sendo que a guerra contra o infiel devia ser uma guerra defensiva, reduzida ao menor grau de violência possível.

Um cavaleiro templário é verdadeiramente um cavaleiro destemido e seguro de todos os lados, pois sua alma é protegida pela armadura da fé, assim como seu corpo está protegido pela armadura de aço. Ele é, portanto, duplamente armado e sem ter a necessidade de medos de demônios e nem de homens.” (SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, c. 1135 apud STERNS, 1969)

A “estreia” oficial dos templários em campo ocorreu no ano de 1129 quando foram obrigados a intervir em um ataque promovido por forças muçulmanas ao rei Balduíno II de Jerusalém durante uma expedição em Damasco (STERNS, 1969, p. 9). Mais tarde, em 1138, a cavalaria templária é derrotada pelos turcos na cidade de Tecco em uma frustrada tentativa de dominar a região, sob controle turco.

Em novembro de 1177, os Cavaleiros da ordem travam uma batalha contra o exército aiúbida de Saladino, a batalha de Monte Gisardo. Diversas batalhas ocorrem ano após ano desde então. Entretanto, durante meados de 1180, o Sacro Reino de Jerusalém enfrentava uma fase complicada. O rei Balduíno IV se encontrava mutilado pela lepra e os muçulmanos, sentindo essa fraqueza, mantinham grande pressão sobre o reino cristão. Qualquer passo em falso seria catastrófico. Tudo que Saladino precisava era de um motivo para atacar o reinado cristão, e esse motivo foi dado pelo cavaleiro cruzado Reinaldo de Châtillon, que atacou uma caravana na qual viajava a irmã de Saladino (SILVA, 2001, p. 41). Na confusão que se seguiu, Saladino então convocou uma *jihãd*, porém foi derrotado em 1182 pelas ordens da igreja e forças do rei, mas nem tudo estava findo. Balduíno morreu de lepra em março de 1185, Jerusalém passava para as mãos de Guido de Lusignan. Na mesma época a Ordem do Templo também passava a ser governada por um novo mestre: Gérard de Ridefort.

⁶ Ao longo do tempo, com o crescente número de cavaleiros que foram se juntando à ordem, acredita-se que a versão final da regra continha em torno de 686 artigos.

⁷ Hierarquia maior da ordem.

De Ridefort conseguiu sua posição de grão-mestre no final de 1184 e rapidamente tomou o partido de Guido de Lusignan para a sucessão do trono de Jerusalém, ficando em oposição à Raimundo III de Trípoli, também candidato ao trono da Terra Santa. Guido de Lusignan e De Ridefort manipularam tão bem a situação que, em 1186, Guido era coroado rei. A situação política no Oriente estava muito confusa nesse momento e Saladino desejava invadir os territórios de Jerusalém, pois seu novo rei recusava-se a castigar Reinaldo de Châtillon pelos ataques que ele havia cometido em territórios muçulmanos. Mas para conseguir entrar em Jerusalém, Saladino deveria passar por terras pertencentes a Raimundo de Trípoli, com quem ele estava em paz. Raimundo deveria respeitar as negociações concluídas com Saladino, porém deixar os muçulmanos atravessarem o seu domínio significaria que vidas cristãs seriam ceifadas.

O orgulho e a corrupção de De Ridefort foram elementos que provocaram a derrota das forças cruzadas na Batalha de Hattin no dia 4 de julho de 1187. Nessa batalha, 30.000 cruzados foram mortos ou capturados, e somente poucos conseguiram escapar. Saladino capturou e executou 230 Cavaleiros Templários. Gerald De Ridefort também foi capturado, mas por ordem do Sultão foi libertado. Após essa grande vitória, o Sultão continuou a avançar pelo Reino de Jerusalém e tomou diversas cidades, incluindo Gaza e Ascalão, que eram defendidas pelos Templários. De Ridefort pereceu sob o solo de Acre em 1189 sob um ataque das forças muçulmanas de Saladino.



Oriente Médio em 1190 no tempo da 3ª. cruzada. É possível observar a expansão massiva do império Selúcida. <http://libriscrowe.com/jo/JO%20greenwood5.htm>



Oriente Médio em 1135, com o reino de Jerusalém ainda bem estruturado.
<https://enacademic.com/dic.nsf/enwiki/159275>

O teatro da guerra apenas mudaria três anos depois com a entrada em cena do ilustre rei inglês Ricardo I, também conhecido como Ricardo Coração de Leão. Seguida da queda de Jerusalém, a Europa sentia-se mais uma vez desesperada em busca de uma nova grande Cruzada para retomar Outremer⁸ das mãos de Saladino. Tendo isso em vista, em 1190, Roma lança a terceira cruzada, sob o comando do Rei Ricardo I. Já em julho de 1191, os cruzados haviam recuperado Acre e subsequentemente Jaffa e Ascalão. Entretanto, foi na batalha de Arsuf em que as ordens militares, como os Templários e Hospitalários⁹, mostraram seu grande valor em campo e serviram de alicerce para a vitória cruzada sobre as forças Aiúbidas. Com a conquista de Jerusalém à vista, os Grãos mestres das ordens aconselharam que o Rei Ricardo I, fizesse um acordo com Saladino, pois eles achavam que não seria possível manter Jerusalém sem o pleno controle do interior de Outremer.

Ricardo I, decide dar ouvidos aos Mestres e em 1192 propõe um acordo com Saladino, tal acordo mantinha a cidade sagrada sob domínio Aiúbida, porém garantiria a peregrinação de cristãos pela terra, mas no ano seguinte, em 1193, Saladino falece e seu grande império se divide em diversas facções rivais. O sucesso da terceira cruzada foi tamanho que deu nova vida ao reino de Jerusalém, dessa vez, com a capital na cidade de Acre.

⁸ Do Francês, significa “ultramar”. Era uma palavra muito utilizada para a designação dos estados cruzados que ficavam além do mar mediterrâneo.

⁹ A Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários é uma organização internacional católica que começou como uma ordem militar fundada na Palestina, durante as Cruzadas. Atualmente, a Ordem de Malta é uma organização humanitária soberana internacional, reconhecida como entidade de direito e dispõe até de um site próprio na internet. (ORDER OF MALTA s.d.)

Décadas de paz se sucederam, até que no ano de 1215 o Papa Inocêncio III, decide lançar a quinta cruzada visando a cidade de Jerusalém, no IV Concílio de Latrão. Porém, tal cruzada só seria colocada em prática pelo Papa Honório III em 1217. A cidade de Damietta que servia de principal acesso ao Cairo, no Egito, foi a primeira vitória cristã da quinta cruzada e, apesar das tentativas de acordo por parte dos muçumanos, os cruzados decidiram continuar sua investida para Jerusalém por meio do Egito. Entretanto, sofreram diversas baixas e estando sob cerco na península do Sinai os cruzados foram obrigados a se retirarem do Egito e aceitarem uma trégua de oito anos com os muçumanos.

Décadas de guerras e três cruzadas depois, a Terra Santa ainda se encontrava em uma posição instável e fragilizada, os egípcios da dinastia Mameluca já tinham o controle da região desde 1268. Poucas fortalezas ainda resistiam, em grande parte devido ao apoio das ordens militares da igreja. Uma delas era especialmente protegida com todo empenho pelos cavaleiros, era a fortaleza de Acre, que defendia a capital do reino Latino de Jerusalém. Eram principalmente defendidas pelos templários, porém havia também presença Hospitalária e Teutônica na região. Em 1289, os Mamelucos iniciam sua investida final a Outremer e, após sangrentas batalhas, sitiaram Acre em 1291 e em abril do mesmo ano, a última grande fortaleza cristã caía na Terra Santa. Muitos cruzados voltam para suas terras e alguns dos cavaleiros templários se refugiam em Chipre e em outros países europeus como Portugal (onde lutavam a guerra da Reconquista), França e Inglaterra.

A guerra da reconquista e os templários em Portugal, nosso país colonizador

A guerra da reconquista foi travada entre os anos de 722 e 1492. Tratou-se de uma série de batalhas entre os povos cristãos da península Ibérica e os Mouros, que haviam conquistado aquela faixa de terra em torno de 711. Com a teoria da guerra santa idealizada a partir de 1095, as cruzadas na Ibéria se intensificaram e os reinos de Portugal e Castela, predecessores dos impérios Português e Espanhol estavam cada vez mais incitados a reconquistar aquela terra que havia uma vez pertencido aos cristãos e agora estava sob o domínio árabe do Império Almorávida.

Os cristãos vinham conquistando extensas faixas de terras pela península, mas foi sob comando do rei Afonso Henriques “o conquistador” que Portugal se viu um reino de fato. Elevado da categoria de condado de Portucale, subordinado ao reino da Galiza, que o recebera anos antes, para reino de Portugal. Afonso havia sido nomeado conde de Portucale em 1112 após a morte de seu pai. Seu objetivo era transformar Portugal em um reino. Em meio as batalhas que eram travadas contra os Almorávidas, em uma delas Afonso se destacou. Foi na batalha de Ouriques em 1139, onde ocorreu a que é tida por muitos como a mais expressiva vitória cristã na Ibéria. Apesar da inferioridade numérica, os portugueses conseguiram derrotar as tropas do império almorávida, e dado o tamanho da vitória, o rei Afonso, que comandava as tropas, se proclamou rei de Portugal em pleno campo de batalha. Logo em 1143 foi reconhecido pelo rei de Leão sob o tratado de Zamorra e posteriormente reconhecido pelo Papado em maio de 1179 por meio da Bula papal *Manifestus Probatum* emitida pelo papa Alexandre III. Esta bula papal trouxe Portugal de uma vez por todas para a condição de Reinado.

Na mesma época, já em 1147, ocorria a segunda cruzada, e um dos caminhos que os guerreiros seguiam em direção a Outremer passava pelo recém-formado Reino de Portugal. Os cruzados que se dirigiam à Terra Santa, vendo a oportunidade de ajudar os reinos cristãos da península, decidiram que auxiliariam D. Afonso na conquista da cidade costeira de Lisboa, a qual os muçumanos denominavam Lissabona (SILVA, 2003, p. 38). Houve uma massiva participação das ordens

militares da Igreja na conquista de Lisboa as quais se destacavam: “Os Cavaleiros Teutônicos, monges, guerreiros símbolos vivos do germanismo, e os Cavaleiros Templários, uma confraria dominada pelos franceses” (DOLLINGER, 1994, p. 78).

O rei de Portugal lhes doa uma floresta, e como ainda estivesse ocupada pelos sarracenos os Templários se metem ao assalto, expulsam os mouros, e por assim dizer fundam Coimbra. E são apenas episódios. Em resumo, uma parte combate na Palestina, mas o grosso da ordem progride em casa. (UMBERTO ECO, apud DOLLINGER, 1994)

As aparições da ordem eram planejadas de tal forma que causasse espanto a quem os visse chegar, fossem eles aliados ou inimigos (DUBY, 1987, p. 21). Muitos historiadores admitem como verdade que a chegada dos esquadrões do templo ao campo de batalha causava um grande alívio aos seus e colocava as tropas adversárias sob enorme temor. Os esquadrões templários destacavam-se muito quando comparados aos soldados comuns da Idade Média. Eram guerreiros que marchavam sempre em disciplina sobre seus cavalos de batalha, com suas tropas igualmente uniformizadas e hierarquicamente bem estruturadas.

Suas vestes destacavam-se das dos demais guerreiros. Os soldados em geral utilizavam um manto branco sobre o corpo com um capuz também branco e muitas vezes uma veste de cota de malha para se protegerem das cimitarras¹⁰ adversárias, enquanto os sargentos e capelães utilizavam um manto preto para se distinguirem do resto da tropa. A inconfundível e famosa cruz vermelha da ordem passou a ser utilizada a partir de 1146 quando o papa Eugênio III os autorizou a utilizá-la bordada no peito e sobre o ombro esquerdo.

E foi a partir de então que, durante o longo reinado de D. Afonso, a ordem assumiu uma decisiva função na formação plena do reino de Portugal. Em 1143, houve a chegada de um novo mestre provincial da ordem, chamado Hugo de Martónio, um francês. Seu antecessor, também francês, se chamava Pedro Froilaz que vinha governando o templo na região desde setembro de 1140.

Foi durante o comando de Hugo que os templários em Portugal travaram os primeiros combates documentados contra os mouros ocupantes daquela terra. Porém, como em qualquer guerra, há batalhas ganhas e batalhas perdidas, com os templários não havia de ser diferente. Em 1144, houve uma massiva invasão moura na região do Soure. As forças cristãs foram massacradas e muitos templários tombaram em ação. A esta derrota foi atribuída inclusive o título de “Batismo de Sangue” (DIAS, 1999, p. 70). Porém, mesmo com tal revés sofrido pelos cavaleiros do Templo, as doações à ordem em Portugal não paravam de crescer. Tendo inclusive em vista que a primeira citação a Hugo de Martónio em documento foi sobre a doação feita à ordem por um casal de nobres chamados: Mendo Moniz de Ribadouro e Cristina Gonçalves das Astúrias, no ano de 1143 (SILVA, 2003, p. 73).

A queda de uma Ordem rica e poderosa

Os templários basearam a sua principal fonte de renda em um embrião do que viria a ser o nosso modelo bancário atual. Em plenos séculos XII e XIII a ordem já tinha o seu próprio sistema de empréstimos à juros e segurança monetária. Tamanha era a riqueza da ordem que, segundo Tim Harford (2017), os templários haviam criado

¹⁰ Tipo de espada utilizada pelos guerreiros árabes com a lâmina levemente recurvada e mais larga na ponta.

um avançado sistema de transferência de dinheiro, no qual um viajante londrino, por exemplo, poderia deixar suas economias na Temple Church¹¹ em Londres e retirá-las em terras Palestinas, pois seria muito arriscado para um peregrino levar todas as suas riquezas consigo durante a longa jornada até a Terra Santa. Tanto poder e dinheiro acumulado nas mãos de uma ordem católica de cavalaria fez com que os templários fossem temidos por reis que tomavam empréstimos com o templo, como por exemplo, o rei Felipe IV da França.

Com a guinada no rumo das cruzadas na Terra Santa foram surgindo “murmúrios” sobre a possível extinção da ordem. As forças cristãs perdiam a sua força e ímpeto para a luta na Terra Santa após sultões egípcios em uma série de batalhas terem reduzido o reinado cristão em Outremer a um estreito canal de terra entre Sidão e Acre já em 1268. Houve algumas tentativas de manter a paz na Terra Santa, porém nenhuma havia efetivamente funcionado (YUDENITSCH, 2019). Aquela que é considerada por muitos historiadores, como Wheet (2009), a ser o ultimato recebido pela Ordem foi a batalha de Acre em 1291, quando forças egípcias de Al-Ashraf Jalil, somando um gigantesco contingente militar, invadiram e tomaram a cidade de Acre que era guarnecida por um número muito inferior de cavaleiros Templários, Hospitalários e Teutões. O teatro da batalha de Acre em 1291 foi muito bem retratado no seriado “Knightfall” exibido na plataforma de streaming digital Netflix. Com tal derrota, as tensões envolvendo o Rei Felipe IV, os Cavaleiros Templários e o Papado em Roma ficaram extremamente acerbadas. Há muitas controvérsias sobre os reais motivos que levaram à extinção da ordem. Porém, acredita-se que houve uma conspiração envolvendo o Papa Clemente V e o Rei Felipe.

Em 1307, Felipe IV fez uma série de acusações contra os templários, dentre elas, blasfêmia, sodomia e heresia. Muitos Templários Franceses foram presos e, para que confessassem “seus crimes”, foram também submetidos a terríveis sessões de tortura (JORDAN, apud WHEET, 2009, p. 29). Diante das “confissões” obtidas pelo Rei da França o Papa Clemente V viu-se extremamente pressionado e, por fim, decidiu que todos os líderes europeus deveriam perseguir e prender os templários que caminhassem por dentro de suas fronteiras. Finalmente, em março de 1312, o Papa redigiria a bula *Vox in excelso* que por sua vez extinguiu oficialmente a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, que perdurou oficialmente de 1139 até 1312.

Muitos templários se refugiaram em Portugal sob a proteção do Rei Dom Dinis, que se recusava a perseguir aqueles que foram decisivos na fundação de seu Reino. Os reinos ibéricos foram contrários às imposições papais para que os bens da, agora extinta, ordem do templo fossem transferidos para a ordem dos Hospitalários, e junto com ex-templários arquitetou a fundação de uma nova ordem eclesiástica, a Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, comumente conhecida como Ordem de Cristo.

A Ordem de Cristo foi oficialmente reconhecida pela Igreja em março de 1319, por meio da bula papal *Ad ea ex quibus cultus augeatur* redigida pelo Papa João XXII. A nova ordem era formada principalmente por cavaleiros templários que haviam se refugiado em Portugal e recebia todos os bens, terras e castelos antes pertencentes à Ordem do Templo que foram mantidas nas mãos de D. Dinis durante esse processo de transição entre ordens.

A ordem portuguesa não foi extensivamente militar, porém detinha uma tecnologia muito avançada e grande poder de influência. Tomou parte nas grandes

¹¹ A Temple Church é uma Igreja Católica erguida pela Ordem no centro de Londres. É conhecida por ser o “primeiro banco de Londres”.

navegações e suas marcas podem até hoje ser observadas na história e no presente do Brasil e de outros países marcados pela colonização portuguesa. Os mais famosos quadros sobre a chegada dos portugueses em terras americanas retratam fielmente o símbolo da Ordem de Cristo bordado nas velas das naus portuguesas, assim como a bandeira do Império Brasileiro e a bandeira da cidade de São Paulo. Também sustentam a famosa Cruz de Cristo símbolos da armada portuguesa nos dias atuais e até ao fundo do emblema da Federação Portuguesa de Futebol.

Considerações finais

A Ordem do Templo de Salomão deixa seu rastro na história, apesar de ser um tema muito controverso devido às massivas perdas de arquivos sobre a ordem, provocadas pela igreja, por governantes da Idade Média e até pelos séculos que dela nos distanciam. Infelizmente, não é possível traçar uma linha historiográfica perfeita e sem falhas sobre a ordem, por isso, é observável tanto misticismo e lendas acrescidas à sua história. Neste artigo evitamos tratar de lendas e “estórias”, atendo-nos somente a fatos estabelecidos.

A ordem foi concebida em um altivo momento da cristandade, seus cavaleiros eram fiéis e acreditavam no que faziam com unhas e dentes. Muitas foram as acusações sofridas pela ordem, jogos políticos já eram bem conhecidos pelos poderosos da Idade Média. A ordem, dado o seu massivo sucesso em campo, crescera e se expandira da Ibéria¹² ao Oriente Médio, acumulando grandes montantes de terras e riquezas doadas por nobres e reis, e isso passava a incomodar alguns poderosos que viam cada vez mais uma “ordem de cavalaria” se expandir por seus territórios. Tal riqueza e poder, possibilitou que os templários desenvolvessem até mesmo um sistema bancário próprio para lidar com suas riquezas e as riquezas de peregrinos ou credores.

De modo geral os cavaleiros do templo desempenharam o papel para o qual foram concebidos de forma extraordinária e muito inteligente visto o contexto histórico vivido por eles em plena região mediterrânea na Idade Média. É interessante notar também que a Ordem de Cristo oferece muito mais material para pesquisas históricas e deixa um legado muito mais visível. Porém, não ocorreria essa visibilidade da Ordem de Cristo se a Ordem do Templo não a tivesse precedido.

Referências Bibliográficas

CHAVES, Thiago de Souza. **Urbano II Em Clermont-Ferrand: A Pregação Da Primeira Cruzada**. Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18802>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

DIAS, Mário Simões. **Os Templários em Terras de Portugal**. Coimbra, M. Simões Dias, 1999.

DOLLINGER, Philippe. **Os Cavaleiros Teutónicos, Monges-Soldados Do Germanismo**. In: *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa, Terramar, 1994.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal Ou O Maior Cavaleiro Do Mundo**. Rio de Janeiro, 1987.

¹² Ibéria é o nome pelo qual os gregos conheciam desde tempos remotos o que hoje chamamos Península Ibérica.

HARFORD, Tim. **A Incrível História De Como Os Cavaleiros Templários 'Inventaram' Os Bancos.** BBC News Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-38804987>>. Acesso em: 29 de agosto de 2019

JESTICE, Phyllis. **História das Guerras e Batalhas Medievais - O Desenvolvimento de Técnicas, Armas, Exército e Invenções de Guerra na Idade Média.** São Paulo, MBooks, 2012.

MORETTI JUNIOR, Augusto João; REIS, Jaime Estêvão dos. **Hierarquia E Poder: As Relações De Autoridade Na Regra Dos Templários.** 2013. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2013/pdf/33.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2019.

ORDER OF MALTA. **Sovereign Military Hospitaller Order of ST. John of Jerusalem of Rhodes and of Malta.** Seção de trabalhos médicos e humanitários. Disponível em: <<https://www.orderofmalta.int/humanitarian-medical-works/hospitaller-mission/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

PERNOUD, Regine. **Os Templários.** Publicações Europa-América. 1974.

SILVA, Ademir Luiz da. **Os Cavaleiros Da Cruz Vermelha: A Ordem Dos Templários Na Reconquista E Expansão Urbana Portuguesa.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2003. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SILVA___Ademir_Luiz_da._2003.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

SILVA, Pedro. **Histórias E Mistérios Dos Cavaleiros Templários.** 2001. Disponível em: <http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Biblioteca/1875_Pedro_Silva_-_Historia_e_Misterios_dos_Templarios.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

STERNS, Indrikis. **The Statues Of The Teutonic Knights: A Study Of Religious Chivalry.** Universidade da Pensilvânia, 1969. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2993&context=edissertation>>. Acesso em 26 de agosto de 2019

WHEET, Carson Taylor. **The Creation And Demise Of The Knights Templar.** 2009. Disponível em: <<http://www.medievalists.net/2011/12/the-creation-and-demise-of-the-knights-templar/>>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

YUDENITSCH, Natalia. **Queda De Acre: A Derrota Final Das Cruzadas.** Aventuras na história, 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-acre-a-derrota-final-das-cruzadas.phtml>> Acesso em: 29 de agosto de 2019

Recebido para publicação em 17-09-19; aceito em 14-10-19